

A família diante da dificuldade de aprendizagem da criança

Gabriela Schuch Gripp¹ | Evelise Rigoni de Faria²

Resumo

Dificuldades de aprendizagem podem ser encontradas, no contexto brasileiro, em todos os anos escolares e em todas as idades, principalmente nos anos iniciais. A família tem o poder de influenciar tanto positiva como negativamente na manutenção dessas dificuldades. Diante disso, conduziu-se este estudo visando investigar as percepções, os sentimentos e as atitudes dos pais frente à dificuldade de aprendizagem do seu filho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de estudo de caso coletivo. Os instrumentos utilizados foram uma entrevista sobre os dados pessoais dos participantes e uma entrevista semiestruturada, realizada com três mães cujos filhos tinham dificuldades de aprendizagem. Os relatos das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo qualitativa. Os resultados se apresentaram por meio de diversas atitudes para auxiliar o filho a obter sucesso na vida escolar. As mães expressaram sentimentos como tristeza, frustração e ansiedade perante as dificuldades de aprendizagem, mas também demonstraram atitudes apoiadoras e perceberam estratégias de intervenção de vários profissionais da saúde e educação, indicando a importância da relação entre a rede de apoio e a família no enfrentamento de tais dificuldades.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Criança. Família.

Abstract

Learning difficulties can be found, in brazilian context, in all classes and all ages, mainly in the early years. The family has the power to influence whether positive or negatively on maintaining these difficulties. Therefore, this study was carried out to investigate the perceptions, feelings and attitudes of parents facing their son's learning disability. This is a qualitative research, with delineation of collective case study. The research tools used were an interview about participants' personal data and a semi structured interview, performed with three mothers whose children had learning difficulties. The interviews' reports were analyzed from qualitative content analysis. The results were shown through several attitudes to assist the child to succeed in student life. The mothers expressed

¹ Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS. efeitogabi@hotmail.com

² Professora orientadora. Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS. everigoni@gmail.com

feelings like sadness, frustration and anxiety in response to learning disability, but also showed supportive attitudes and realized intervention strategies of several health and education professionals, indicating the importance of relation between the support network and family in overcoming these difficulties.

Keywords: *Learning disability. Child. Family.*

Introdução

De acordo com Souza e Sisto (2001), a dificuldade de aprendizagem é caracterizada quando o estudante não atinge o mínimo de aprendizado para sua idade ou os conteúdos pedagógicos propostos para sua faixa etária. No Brasil, é cada vez mais comum em todos os anos escolares e em todas as idades, principalmente nos anos iniciais (SOUZA; SISTO, 2001). Como consequência dessas dificuldades de aprendizagem, a criança pode apresentar sentimentos negativos como tristeza, insegurança e inferioridade, podendo levar futuramente até ao abandono da escola (JACOB *et al.* 1999). Santos e Marturano (1999) ressaltam que o agravamento desses sintomas pode permanecer na adolescência.

Em decorrência disso, percebeu-se o sofrimento psíquico dos pais e dos filhos e a importância de conhecer o posicionamento e a compreensão dos pais no manejo dessa criança. A literatura indica que a família pode, por meio de suas atitudes, estimular ou desestimular a vida escolar da criança (BRAGA; SCOZ; MUNOZ, 2007). Santos e Marturano (1999) discorrem sobre como os recursos oferecidos pela família à criança com dificuldades de aprendizagem podem ser determinantes para o enfrentamento dessa problemática. A partir desses autores, podemos perceber a grande influência dos pais na educação dos filhos, tornando-os protagonistas no auxílio destes.

Portanto, esta pesquisa teve como objetivo investigar as percepções, as atitudes e os sentimentos das mães em relação à dificuldade de aprendizagem de seu filho. A fim de investigar tais dados, foi aplicada uma entrevista para que identificássemos o funcionamento desses aspectos na família.

1 Fundamentação teórica

1.1 Considerações sobre o desenvolvimento da criança em idade escolar

O desenvolvimento humano é definido por Papalia, Olds e Feldman (2006) como o estudo científico de mudanças pessoais e de características que permanecem ao longo da vida. Essas autoras caracterizam o desenvolvimento humano a partir desses aspectos: desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, salientando que estes interagem, formando o indivíduo e suas características singulares.

Neste projeto, refere-se à terceira infância, ou seja, crianças com idades entre oito e nove anos com dificuldade de aprendizagem, entendendo-se que a terceira infância engloba crianças de seis anos até onze anos de idade. O desenvolvimento motor dessas crianças se caracteriza por um aprimoramento da coordenação, da rapidez e da força

para aprender novas habilidades (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Ainda de acordo com as autoras citadas anteriormente, as crianças nessa faixa etária brincam de forma mais bruta e agitada, com chutes, lutas, gritos e muitos risos. Nesse período, as crianças aprimoram a visão, a noção de espaço, a relação causa/efeito, a noção de conservação de pesos e de medidas, a memória, e o pensamento matemático, além de classificarem quanto à categoria (objetos, animais, plantas). Portanto, é por meio das evoluções e do desenvolvimento desses aspectos durante a terceira infância que é possível aprender a ler, escrever e ingressar na escola.

1.2 Dificuldades de aprendizagem na infância: caracterização

O conceito de dificuldade de aprendizagem é visto por Souza e Sisto (2001) como sendo quando o aluno não alcança o mínimo de aprendizado esperado para sua idade ou o conteúdo pedagógico proposto, não podendo executar os exercícios e atividades, como tema de casa, por exemplo. O estudante pode também vir a expressar resistência ao contexto escolar, demonstrando, assim, que o ambiente escolar não está sendo favorável a sua aprendizagem.

Conforme o DSM-IV-TR (APA, 2003), o Transtorno de Aprendizagem é diagnosticado a partir de testes padronizados que envolvem leitura, escrita e matemática, cujos resultados informarão o quociente intelectual (QI) da criança. Contudo, especificam o grau de inteligência ou de retardo mental do indivíduo, excluindo os critérios da história de vida, cultura, classe econômica, ensino deficiente e falta de oportunidades. As dificuldades de aprendizagem também podem ser entendidas, de acordo com Pacheco (2005), como algum déficit associado a um Transtorno de Linguagem e neurológico, com prejuízo em várias áreas, como, por exemplo, fala, compreensão, leitura, escrita, soletração e cálculo. Para fins deste estudo, será utilizado o conceito de dificuldade de aprendizagem, que considera esses aspectos e não o de Transtorno de Aprendizagem.

De acordo com Peiter (2012), foi realizado um Diagnóstico da Educação Básica do Rio Grande do Sul com ênfase no ensino médio - 2010, que comprovou, a partir de pesquisas, que a inadequação da idade dos alunos com relação ao ano escolar (série) estava em 25,5 % no ensino fundamental. Com relação à rede estadual de ensino, constatou-se, no ensino fundamental, a aprovação de 80,8%, reprovação de 17,5% e abandono de 1,7% dos alunos, com preocupante crescente no ensino médio, com aprovação de 66,1%, reprovação de 21,6% e abandono de 12,3%.

Segundo Neves e Araujo (2006), as crianças com dificuldades de aprendizagem têm capacidade para enfrentar esses obstáculos, mesmo que em um ritmo mais lento, exigindo mais atenção e atividades pedagógicas adequadas para facilitar seu desempenho. No entanto, se persistirem esses fracassos escolares, de acordo com Carneiro, Martinelli e Sisto (2003), a criança pode ser afetada de modo que se sinta incapaz de realizar as atividades e de progredir como estudante. Essa frustração pode desencadear sentimentos como inferioridade, menos valia, insegurança e traços depressivos, podendo levar futuramente até ao abandono da escola (JACOB *et al.* 1999).

A partir dos estudos de Campos e Marturano (2003) e de Papalia, Olds e Feldmann (2006), constatou-se que crianças com problemas de aprendizagem que são

atendidas em clínicas-escola e que recebem e percebem o apoio social de sua família ou pessoas que considerem mais significativas apresentam melhora na sua autoestima e no autoconceito.

A partir das ideias de Carneiro, Martinelli e Sisto (2003), os motivos da grande demanda de dificuldades de aprendizagem podem ser de origem intrínseca ou extrínseca, estando relacionados a déficits no desenvolvimento cognitivo e afetivo e a fatores motivacionais do indivíduo, como socioeconômico e socioinstitucional. Contudo, esses aspectos citados devem estar associados à cultura, realidade, relacionamentos e história de vida desses estudantes (NEVES; ARAUJO, 2006).

De acordo com Matte (2010), um estudo realizado na cidade de Igrejinha (RS) avaliou a autoeficácia dos alunos com dificuldade de aprendizagem comparada a de alunos sem dificuldade. Os resultados apontaram uma diferença relevante entre os dois grupos, demonstrando que os alunos com a problemática tiveram baixo senso de autoeficácia e respostas mais pessimistas, enquanto os alunos sem dificuldade de aprendizagem obtiveram índice mais elevado no quesito pesquisado.

1.3 Dificuldades de aprendizagem e família: contribuições e dificuldades dos pais

O presente trabalho propõe-se a investigar as percepções e atitudes dos pais frente ao problema da dificuldade de aprendizagem dos filhos, levando em consideração que a família tem grande poder de estimular ou desestimular a criança nos relacionamentos e em todos os aspectos de sua vida - escolar, psicológico, cognitivos (BRAGA; SCOZ; MUNOZ, 2007). Portanto, os recursos que a família oferece ao filho podem ser decisivos para enfrentar as dificuldades (SANTOS; MARTURANO, 1999). É com a família que os profissionais da psicologia e da escola precisam contar na superação das dificuldades de aprendizagem (D'AVILA-BACARJI; MARTURANO; ELIAS, 2005).

Nos resultados dos estudos de Santos e Graminha (2005) referentes às crianças com baixos rendimentos escolares, foram encontradas evidências de experiências difíceis na família, como, por exemplo, não aceitação da gestação pelo pai e pela própria família, mãe solteira, ambiente conturbado por situações de alcoolismo, drogadição e/ou conflitos conjugais. Também foram evidenciadas dificuldades associadas a pouca qualificação escolar e profissional dos pais, proporcionando, assim, um ambiente com recursos reduzidos, pouca orientação escolar e preocupação quanto à formação profissional do filho.

Na pesquisa de Chechia e Andrade (2005) sobre o desempenho escolar, constata-se, nas entrevistas realizadas, que os pais têm consciência da dificuldade de aprendizagem do filho e apontam alguns motivos que, em sua percepção, poderiam causar tal problema. Entre eles, a falta de dedicação de alguns professores na forma de ensinar e a conseqüente falta de sensibilidade da escola em reconhecer essas dificuldades na relação ensino-aprendizagem. Esses autores salientam que muitos pais se preocupam e demonstram vontade de ajudar, mas não sabem como fazer isso e sentem falta de uma orientação eficaz da escola para poderem colaborar e exercer esse apoio, a fim de participar da educação de seu filho. Os pais reconhecem que a educação proporcionada em casa pode interferir na escola, como nos casos de superproteção e a

falta de limites.

Marturano (1999) relata em sua pesquisa que crianças que possuem uma rotina mais estruturada, supervisão e momentos para compartilhar com os pais, apresentam menor prejuízo na aprendizagem. Também são relatados, nesse grupo de crianças, mais disponibilidade de recursos, como livros e brinquedos, no ambiente familiar. Em contrapartida, as crianças que obtiveram índices de atraso escolar e conseqüente dificuldade de aprendizagem apresentaram condições econômicas mais reduzidas, portanto, menos recursos materiais, como acesso a passeios, menos tempo de interação com seus pais, horários e rotinas não estabelecidos e problemas familiares que perduram por longos períodos e que afetam o desenvolvimento da criança.

Os achados científicos de D'Ávila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) relatam suporte parental emocional limitado ao filho com dificuldade de aprendizagem, causado também por um relacionamento conflituoso entre pais e filho e um vínculo familiar problemático, formando um ciclo de práticas parentais coercitivas e um comportamento complicado da criança. Os autores sugerem estratégias para o atendimento psicológico dos pais e do filho, como melhor desenvolvimento das práticas parentais, manejo dos sentimentos e das habilidades sociais, educativas e interpessoais, associados à utilização de recursos efetivos já existentes no meio familiar.

2 Método

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, com delineamento de estudo de caso coletivo, de caráter instrumental (STAKE, 1994), que pretendeu investigar as percepções, sentimentos e atitudes dos pais diante da dificuldade de aprendizagem. A pesquisa qualitativa busca compreender os significados que o fenômeno em estudo teve para os indivíduos (TURATO, 2005). Já o estudo de caso coletivo de caráter instrumental permite estudar vários casos em conjunto com o intuito de se compreender um fenômeno em particular. Nesse contexto, os casos estudados fornecem informações para a compreensão do fenômeno investigado mais do que para o aprofundamento do caso em si (STAKE, 1994).

2.1 Participantes

As participantes desta pesquisa foram três mães cujos filhos tinham 9 anos de idade e estavam cursando o terceiro ano do ensino fundamental em escola pública na cidade de Sapiranga (RS). As crianças apresentavam dificuldades de aprendizagem de caráter variado, ou seja, na leitura, na escrita ou nos cálculos. A vantagem que essas crianças têm em estudar nas escolas do município é o atendimento semanal de psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo. Já os atendimentos médicos, tais como neurologista e psiquiatra, são realizados nos postos de saúde.

Com as mudanças no sistema educacional ocorridas nos últimos anos, como a progressão e a inclusão de mais um ano do ensino fundamental, algumas características mudaram. A progressão dos alunos, conforme Parecer n. 194/2011 da Comissão de Ensino Fundamental (2011), funciona da seguinte forma: a escola não pode reprovar

o aluno no primeiro, segundo e terceiro ano do ensino fundamental, ainda que este não atenda a todos os critérios de um desempenho satisfatório. Ele progride automaticamente, fato que ocorreu com as três crianças das mães entrevistadas. Esses alunos estão com os currículos pedagógicos adaptados e, ao invés de notas, recebem pareceres.

As participantes foram identificadas como caso 1, caso 2 e caso 3, a fim de assegurar sua privacidade e o sigilo de suas identidades. A seguir, apresentam-se algumas características sociodemográficas das participantes:

Caso 1 - A mãe demonstrou-se disposta a cooperar com a entrevista desde o momento em que aceitou participar do estudo. Na ocasião da entrevista, estava separada do pai da criança, tinha 40 anos de idade e dois filhos. Ela cursou até a oitava série do ensino fundamental e não estava trabalhando fora, naquele momento, por problemas de saúde.

Caso 2 - A mãe sentiu-se à vontade durante toda a entrevista, sempre frisando que não se importava de faltar no serviço se o objetivo era auxiliar no desenvolvimento do filho. Tinha 36 anos de idade, estava casada com o pai dos seus cinco filhos e cursou até a terceira série do ensino fundamental. Naquele momento, ela estava trabalhando na função de diarista.

Caso 3 - A mãe colaborou com a entrevista, mas solicitou que alguns dados íntimos não fossem incluídos. No tocante às perguntas referentes à aprendizagem da filha, demonstrou-se cooperativa. A mãe estava solteira, tinha 35 anos de idade e, naquele momento, não estava trabalhando fora para poder se dedicar aos cuidados da filha com dificuldades de aprendizagem. Tinha quatro filhos e não concluiu o ensino médio.

2.2 Instrumentos

Foi utilizada, para a coleta de dados, uma ficha de informações sobre a mãe do aluno (Apêndice A), para identificação dos participantes. Também foi utilizada uma entrevista com a mãe sobre as dificuldades de aprendizagem do filho, elaborada pela autora do presente estudo. Tratou-se de uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e que teve como objetivo compreender as percepções, sentimentos e atitudes da mãe em relação às dificuldades de aprendizagem do filho (Apêndice B).

2.3 Procedimentos para a coleta de dados

Após avaliação e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT- Faculdades Integradas de Taquara, iniciou-se a coleta dos dados. Os participantes foram indicados pela psicóloga responsável das escolas em que esses alunos estudavam, e foram agendados horários para que a autora pudesse apresentar o estudo aos participantes, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(ANEXO A), que foi assinado em duas vias. Após esclarecimentos do estudo, foram agendados horários para a realização das entrevistas, que aconteceram na escola e foram gravadas para posterior transcrição e análise.

2.4 Procedimentos para a análise dos dados

Para realização da análise dos dados coletados, foi utilizada a análise de conteúdo qualitativa baseada em Bardin (1977), a fim de examinar as percepções, sentimentos e atitudes dos pais em relação à dificuldade de aprendizagem de seu filho. A análise de conteúdo qualitativa buscou identificar a presença ou ausência de determinado conteúdo no texto, mais do que a frequência de aparição do mesmo (BARDIN, 1977). A análise dos dados consistiu nas seguintes etapas: 1) leitura das transcrições das entrevistas e demarcação das unidades de análise; 2) classificação das unidades de análise em categorias temáticas; 3) identificação das subcategorias temáticas.

3 Análise e discussão dos resultados

A partir da análise das entrevistas realizadas, identificaram-se as seguintes categorias e subcategorias temáticas:

Quadro 1 – Categorias e subcategorias temáticas

Categorias Temáticas	Subcategorias
1. Percepções sobre as dificuldades de aprendizagem.	1.1. Crenças de possíveis causas; 1.2. Percepções das intervenções da escola; 1.3. Perspectiva mais positiva quanto ao desempenho escolar; 1.4. Dificuldades percebidas.
2. Sentimentos diante das dificuldades de aprendizagem.	2.1 Sentimentos negativos: tristeza, frustração; 2.2 Apoio no enfrentamento das dificuldades; 2.3 Preocupações frente ao futuro escolar/profissional.
3. Atitudes dos pais e família.	3.1 Auxílio direto nos exercícios e estudo em casa; 3.2 Cobranças dos pais; 3.3 Busca por auxílio profissional.

Fonte: Elaboração da autora.

Na categoria *Percepções dos pais sobre as dificuldades de aprendizagem do filho*, pode-se perceber, a partir de seus relatos, como os pais percebem as dificuldades dos seus filhos. Essa categoria é composta por quatro subcategorias, sendo elas: 1) *Crenças de possíveis causas*; 2) *Percepções das intervenções da escola*; 3) *Perspectiva mais positiva quanto ao desempenho escolar*; e 4) *Dificuldades percebidas*.

No que se refere à subcategoria *Crenças de possíveis causas*, foram identificadas as seguintes falas:

“De repente ele ficou revoltado, alguma coisa, né. Eu e meu guri mais velho, às vezes, a gente ficava sempre brigando” (Caso 1).

“Aí depois que o pai dele voltou [internação por dependência química] começou a fazer, tanto ele quanto eu fazer as vontades dele, ele começou a relaxar” (Caso 1).

“Parece que tem uma fraqueza na cabeça” (Caso 2).

“Mas quando nós brigávamos, ele não conseguia, ele ficava muito nervoso. Eu acho que isso que atrapalhou ele” (Caso 2).

“No caso a minha mãe ficava mais com ela e minha mãe até demonstrava da irmã ser mais inteligente e isso abalava muito ela” (Caso 3).

Esses relatos corroboram com o estudo de Santos e Graminha (2005), que relatam que os conflitos familiares, experiências difíceis e a drogadição na família podem contribuir para o baixo rendimento escolar das crianças. Já Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) postulam que os motivos da demanda das dificuldades de aprendizagem podem ser de origem extrínseca ou intrínseca, como consta nos relatos apresentados. Entretanto, segundo Neves e Araujo (2006), esses aspectos podem estar associados à cultura, à realidade, aos relacionamentos e à história de vida dessas crianças.

Quanto à subcategoria *Percepções sobre as intervenções da escola*, foram identificadas os seguintes relatos:

“Daí a professora falou que tá ensinando coisas da segunda série pra ele e ele tá no terceiro ano, daí ela tá indo devagar com ele, é bem diferente” (Caso 1).

“E aqui nesta escola é muito bom, eu não tenho queixa, qualquer coisa eles mandam bilhete ou me ligam” (Caso 2).

De acordo com esses relatos, percebe-se que as falas das mães vão ao encontro do que Neves e Araújo (2006) referiram ao afirmarem que a criança que apresenta dificuldade de aprendizagem tem condições de superá-las desde que sejam oferecidas pela escola mais atenção e atividades pedagógicas condizentes com seu desempenho.

Na subcategoria *Perspectiva mais positiva quanto ao desempenho escolar*, podem-se observar as seguintes falas:

“Mas em outras coisas ele é bem inteligente [...]. Matemática; ele é super inteligente na matemática” (Caso 1).

“Agora ele tá fazendo. Do jeito dele, mas faz” (Caso 2).

“Às vezes parece que tá tendo mudanças e de repente tu já pensa: será que tá mudando? Só nos meus olhos que eu quero ver a mudança acontecer. [...] eu acho que a gente tá pelo caminho certo. Tomara que dê resultado” (Caso 3).

“Aí depois que ela começou a tomar Ritalina, ela começou este ano né, a professora disse que deu uma mudadinha. Ela acha que tá adiantando” (Caso 3).

Nesses trechos das entrevistas, pode-se constatar que os pais estão percebendo aspectos mais positivos em relação aos seus filhos no que se refere às dificuldades

de aprendizagem apresentadas. Portanto, pode-se pensar no estudo de Campos e Marturano (2003), que afirmou que crianças com dificuldades de aprendizagem, quando apoiadas pelos pais, apresentam melhoras na autoestima e no autoconceito. Nesse sentido, pode-se pensar que a percepção mais positiva dessas mães pode também facilitar o desempenho e bem-estar dos filhos. Considera-se também que a influência dos pais na vida dos filhos pode estimular ou desestimular a criança em vários aspectos como escolar, psicológico, cognitivo e nos relacionamentos (BRAGA; SCOZ; MUNOZ, 2007).

Com relação à última subcategoria, *Dificuldades percebidas*, apresentaram-se as seguintes falas:

“Ele tem dificuldade pra falar” (Caso 1).

“Eu tava falando pro meu ex-marido, nós tratamos ele como nenê, e a psicóloga já falou pra mim que é ele que tem que escolher a roupa dele, tomar banho, se secar e se vestir, tudo sozinho. E a gente faz isso pra ele” (Caso 1).

“Só que eu também falei pra senhora é que ele não sabe lidar com os nãos, é tudo sim” (Caso 1).

“Até hoje, ele não sabe fazer um desenho bonito, faz tudo voando, sem perna, sem braço, tudo assim” (Caso 2).

“Ele está fazendo essas aulas, essas consultas porque ele tem muita dificuldade” (Caso 2).

“Ah, bem ruim né [...]. Só que ele não sabe ler, daí fica xarope, que ele já tá na terceira série” (Caso 2).

“Em casa eu percebia sempre no caso, desde o primeiro trabalhinho ela levava pra casa. Desde a creche que, sabe, ela era bem mais parada que as outras crianças” (Caso 3).

Para Souza e Sisto (2001), o conceito de dificuldade de aprendizagem é visto quando o aluno não alcança o mínimo de aprendizado proposto, não conseguindo realizar exercícios ou temas de casa.

De acordo com Chechia e Andrade (2005), os pais têm consciência das dificuldades de aprendizagem de seus filhos, assim como as mães do presente estudo. Elas conseguiam identificar as dificuldades de seus filhos, sendo estas em vários âmbitos, que poderiam estar prejudicando a aprendizagem: comportamental, associadas a limites, ou mesmo possíveis dificuldades cognitivas. As autoras Papalia, Olds e Feldman (2006) relatam que é na terceira infância que a criança desenvolve vários quesitos, como: coordenação, memória, noção de espaço e outros que a qualificam para a aprendizagem na escola. Portanto, analisando as respostas das mães, é possível identificar que as crianças apresentam lacunas no desenvolvimento desses quesitos, o que reflete em sua aprendizagem escolar.

A segunda categoria, *Sentimentos dos pais diante da dificuldade de aprendizagem do filho*, foi composta de três subcategorias: 1) *Sentimentos negativos, tristeza, frustração*; 2) *Apoio no enfrentamento das dificuldades*; e 3) *Preocupações quanto ao futuro escolar/profissional*.

Quanto à subcategoria *Sentimentos negativos; tristeza, frustração* podem-se verificar as seguintes falas:

“Falta um pouco de vontade dele” (Caso 1).

“É falta dele de ânimo dele” (Caso 1).

“Os outros tudo sabem, ele não sabe daí eu fico triste. Por isso eu já estou encaminhando” (Caso 2).

“Eu me sinto mal né, só que eu já não sei, daí se ele não souber também fica ruim” (Caso 2).

“Triste, porque pensa, no caso, tentar assim, às vezes tu chega num extremo que tu fica nervosa que tu acaba passando aquilo” (Caso 3).

“Mas no começo foi até difícil” (Caso 3).

“Eu no início, nossa, eu ficava bastante, eu demonstrava pra ela, ficava nervosa, triste” (Caso 3).

“De tristeza, porque tu está de mãos amarradas, tu não consegue, por mais que tu tenta” (Caso 3).

Nesses relatos, é possível identificar sentimentos comuns às mães, como tristeza, frustração e ansiedade, tanto por parte dos pais como dos filhos. Para isso os autores D’Ávila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) propõem estratégias para o atendimento psicológico dos pais e filhos, como desenvolver práticas parentais adequadas, melhor manejo dos sentimentos, habilidades sociais, educativas e interpessoais, podendo aproveitar, se houver, recursos já utilizados na família. Esses autores também citam alguns aspectos que podem cooperar com as dificuldades de aprendizagem da criança, como um suporte parental emocional limitado, causado por uma relação de pais e filho conflituosa, assim como um vínculo familiar problemático. Nos relatos acima, pode-se pensar que esses sentimentos negativos, se intensos e não trabalhados, podem vir a prejudicar a relação com o filho e também intensificar sua dificuldade de aprendizagem.

Veja-se a subcategoria *Apoio no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem*:

“Sempre tive apoio. Amparo delas [professoras], assim que elas me passaram pra mim poder ajudar, eu via uma forma de ajudar ela” (Caso 3).

“Mas esse ano com a A., nossa, ela tem assim, um carinho assim, pela professora, sabe? Isso também motiva a gente, né” (Caso 3).

Nesses relatos da mãe, pode-se perceber o apoio da escola e das professoras diante da dificuldade de aprendizagem da criança. Torna-se de suma importância a mãe se sentir amparada pela escola e pela professora, que a motiva a continuar a auxiliar a filha no âmbito escolar. Dessen e Polonia (2007) ressaltam a importância dos vínculos firmados entre a família e a escola para facilitar o desenvolvimento da criança, tanto no aspecto escolar quanto psicológico e também na resolução conjunta e individual de problemas.

Em relação à subcategoria *Preocupações quanto ao futuro escolar/profissional*, podem-se constatar os seguintes relatos:

“Eu aprendi, mas eu me esqueci, é a mesma coisa que tu faz uma hora e depois se esquece. Eu sou bem assim, se eu não o encaminhar logo ele vai ser assim” (Caso 2).

“Eu quero que ele consiga. [...]. Como é que ele vai subir na vida, nunca vai subir se ele não souber” (Caso 2).

“É por isso que eu vou fazer este tratamento dele, pra ver se ele se acalma” (Caso 2).

As mães, por meio dessas falas, demonstram se preocupar e querer ajudar os seus filhos, mas, de acordo com Chechia e Andrade (2005), elas podem não saber como fazer isso, então necessitam de orientação por parte da escola. As mães também sentem esperanças de melhoras e realizações para o futuro, pois os pais delegam para a escola muitas expectativas sobre o futuro da criança (TREVI; MENEGOTTO; SANTOS, 2009).

Na categoria *Atitudes dos pais e família*, estabeleceram-se quatro subcategorias, 1) *Auxílio direto nos exercícios e estudo em casa*; 2) *Cobranças dos pais*; 3) *Busca por auxílio profissional*; e 4) *Negociação de recompensas*.

Na subcategoria *Auxílio direto nos exercícios e estudo em casa*, pode-se verificar tais relatos:

“Daí nós estamos ensinando em casa pra ele. A gente tá ensinando ele a ler e a escrever. Porque às vezes ele escreve feio, né, apaga e faz de novo. Ele sabe fazer feitinho” (Caso 1).

“Na quinta-feira ele sempre leva tema, umas questões. Daí eu ajudo ele” (Caso 1).

“Bom, o que nós fizemos é tentar ensinar ele negócio da aula, ele ler, sabe, faz as continhas” (Caso 1).

“O irmão dele tenta ajudá-lo” (Caso 1).

“Eu dizia: ‘Agora nós vamos sentar pra fazer o tema’, só que como eu também não sei, as minhas gurias, tem uma que tá na sétima, outra na sexta, elas ensinavam ele” (Caso 2).

“Aí o pai dele diz: ‘Tu tens que pegar o caderninho e fazer’, daí eu disse: ‘Então vou pedir pras gurias ajudar ele’, daí elas fazem numa folha e ele responde. Aí elas ficam perto para ver se tá certo” (Caso 2).

“E o pai dela faz bastante teminha” (Caso 3).

“Todas as atitudes, no caso, se disserem, ‘faz isso’, ou, ‘faz aquilo’, que isso vai dar resultado, tudo eu vou fazer pra ajudar ela” (Caso 3).

Esses relatos revelam que as famílias estão mobilizadas para auxiliar a criança nos estudos em casa, incentivando-as e dispostas a colocar em prática as orientações dadas pela escola. A ideia de Braga, Scoz e Munoz (2007) de que a família tem poder para estimular a criança em todos os âmbitos de sua vida, nesse caso escolar, vem para reforçar as falas das mães nesse momento.

Com relação à subcategoria *Cobrança dos pais*, é possível verificar os seguintes relatos:

“A mãe te pede todo dia, se esforça, faz tudo que a professora manda” (Caso 1).

“Eu disse: ‘Y, tu já tá com 9 anos, tu tem que aprender” (Caso 1).

“Aí o pai dele diz: ‘Tu tem que pegar o caderninho e fazer” (Caso 2).

“Acaba cobrando demais; agora não, já vou bem mais relax com ela. [...] O pai era mais preocupado e ele acabava cobrando demais, daí ela não quis ir mais tanto, porque era muita cobrança” (Caso 3).

Nesses relatos, pode-se perceber que, embora a família demonstre atitudes de apoio, as mães também relatam cobranças em relação ao desempenho escolar do filho. Essas situações podem deixar o ambiente muito complexo e causar conflitos na relação entre pais e filhos. D’Ávila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) relatam sobre um suporte familiar limitado ao filho com dificuldades de aprendizagem.

Na subcategoria *Busca por auxílio profissional*, identificaram-se tais relatos:

“A gente tenta fazer de tudo. Eu trago ele no fonoaudiólogo, tem psicóloga e tem reforço” (Caso 1).

“Ele foi também ao neurologista” (Caso 1).

“A professora lá do Primeiro de Maio, aí ela me deu um papel pra encaminhar para o psicólogo, eu comecei a levar ele” (Caso 2).

“Como eu estou pagando neurologista, estou pagando tudo particular” (Caso 3).

Podemos observar nesses relatos que as mães, mesmo com dificuldades financeiras ou tempo restrito por causa do trabalho, esforçam-se para poderem participar do processo educacional de seus filhos. Nesse momento, podemos destacar a importância do trabalho de uma equipe multidisciplinar no atendimento a essas crianças (BACHA; FINOCCHIO; RIBEIRO, 2008). D’Ávila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) ressaltam que é com a família que o psicólogo e a escola precisam contar para a superação das dificuldades. Esses autores também ressaltam que apesar dos pais terem procurado auxílio psicológico, muitas vezes ainda falta um suporte emocional mais consistente às famílias.

4 Considerações finais

Com este trabalho, pôde-se conhecer e analisar, a partir das falas das mães e conforme a literatura, as percepções, sentimentos e atitudes das mães sobre os filhos com dificuldades de aprendizagem. As progenitoras têm alguns aspectos em comum, como baixa escolaridade, que, na literatura, remete a menos recursos materiais, que são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades da criança. Apesar disso, outra característica comum das mães deste estudo é o esforço que fazem para auxiliar os filhos, levando-os para os atendimentos de psicologia, neurologista e fonoaudiologia. Isso demonstra que elas têm consciência das dificuldades escolares de seus filhos.

Nos resultados deste estudo, foram encontrados sentimentos, percepções e atitudes muitas vezes contraditórias, mas que têm aparecido em situações nas quais as mães tentam se mostrar presentes e ajudar. Essa ajuda pode ser em incentivos e valorização do comportamento, como elogios, ou por meio de cobranças das tarefas escolares. Portanto, isso certamente tende a amenizar tais dificuldades, e a criança também se sente acompanhada e amparada. Fica evidente, também, o apoio da rede e a interlocução com a escola e professores como facilitadores da postura da família para acolher as dificuldades apresentadas pelas crianças. Diante de todos esses fatos, é possível concluir que o apoio da família e da escola é de suma importância para o crescimento da criança que apresenta dificuldade da aprendizagem, fazendo com que ela sinta-se estimulada e capaz.

Referências

APA-AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BACHA, Stella Maris Cortez; FINOCCHIO, Ana Lúcia Ferra; RIBEIRO, Mônica Scharth Feo. As hipóteses diagnósticas nos casos de dificuldades escolares: experiência em equipe multiprofissional. *Psicopedagogia*, Campo Grande, v. 25, n. 76, p. 14-24, nov/mar, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n76/v25n76a03.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGA, Simone Da Silva; SCOZ, Beatriz Judith Lima e MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. Problemas de aprendizagem e suas relações com a família. *Psicopedagogia*, São Paulo, v. 24, n. 74, p. 149-159, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n74/v24n74a06.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013

CAMPOS, Marli Aparecida Silva; MARTURANO, Edna Maria. Competência interpessoal, problemas escolares e a transição da meninice a adolescência. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 13 n. 25, p. 73-84, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v13n25/07.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

CARNEIRO, Gabriela Raeder da Silva; MARTINELLI, Selma de Cassia; SISTO, Fermino Fernandes. Autoconceito e Dificuldades de aprendizagem na escrita. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 16, n. 3. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a02.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, Antônio dos Santos. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. *Estudos de Psicologia*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 431-440, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n3/a12v10n3.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

COMISSÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL. Governo do Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/arquivos/legislacao/Parecer_CEEEd_194_2011.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2013.

D'AVILA-BACARJI, Keiko Maly Garcia; MARTURANO, Edna Maria; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Suporte Parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. *Psicologia em estudo*, Maringá. v. 10, n. 1, p. 107-115, jan/abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a12.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Brasília, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

JACOB, Adriana Vilela; LOUREIRO, Sonia Regina; MARTURANO, Edna Maria; LINHARES, Maria Beatriz e MACHADO, Vera Lúcia Sobral. Aspectos Afetivos e o Desempenho Acadêmico de Escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 153-162. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v15n2/a08v15n2.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

MARTURANO, Edna Maria. Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 135-142, maio/ago.1999. Disponível em: <<https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1556/504>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

MATTE, Fernanda Elis; RAVA, Paula Grazziotin Silveira. *A percepção de autoeficácia em alunos com dificuldades de aprendizagem*. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2010. Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/blog/formacao/trabalho-de-conclusao/trabalhos-desenvolvidos>>. Acesso em: 2 maio 2013.

NEVES, Marisa Maria Brito da Justa; ARAÚJO, Claisy Maria Marinho. A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares. *Aletheia*, Canoas, v. 1, n. 24, p. 161-170, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942006000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 28 abr. 2013.

PACHECO, Lilian Miranda Bastos. Diagnóstico de dificuldades de aprendizagem. *Temas em Psicologia*, Pituba, v. 13, n. 1, p. 45-51. 2005. Disponível em: <<http://www.sbponline.org.br/revista2/vol13n1/pdf/v13n01a06.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

PAPALIA, Diane.E.; Olds, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

PEITER, Ana Maria D. et al. *Diagnóstico da Educação Básica no Rio Grande do Sul com Ênfase no Ensino Médio - 2010*. Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul. Departamento de Planejamento, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/diagnostico_relatorio_final_2010.pdf>. Acesso em: 31 maio 2013.

SANTOS, Luciana Carla dos; MARTURANO, Edna Maria. Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, jul./dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200009>. Acesso em: 2 jun. 2013

SANTOS, Patrícia Leila; GRAMINHA, Sônia Santa Vitaliano. Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento acadêmico. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63X2005000200009>. Acesso em: 25 abr. 2013.

SOUZA, Adriana Regina Marques de; SISTO, Fermino Fernandes. Dificuldades de aprendizagem em escrita, memória e contradições. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 5, n. 2, p. 39-47, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v5n2/v5n2a05.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

STAKE, R. Case studies. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Orgs.). *Handbook of qualitative research*. Londres: Sage, 1994. p. 236-247.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Saúde Pública*, Campinas, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2013.

APÊNDICE A - FICHA DE DADOS DA MÃE DO ALUNO

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Estado civil:

Trabalha fora:

Tem outros filhos:

Endereço:

Telefone para contato:

Data da entrevista:

Dados do aluno (a):

Nome:

Idade:

Série que está cursando:

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO FILHO

- Gostaria que você me contasse sobre a dificuldade de aprendizagem de seu filho(a).
- Quem percebeu essas dificuldades de aprendizagem?
- Você já havia percebido?
- Como você se sentiu ao saber do problema?
- Seu filho já havia repetido algum ano da escola?
- Seu filho já trocou de escola alguma vez?
- Quantas? Por quê?
- Como são suas notas?
- Como a escola lidou com essa dificuldade?
- Em qual disciplina ele apresenta dificuldades de aprendizagem?
- A escola ofereceu algum recurso para auxiliar o aluno?
- Teve alguma mudança de atitude, comportamento do aluno em relação à escola recentemente?
- Seu filho tem motivação para ir à escola?
- Em que momento que ele faz o tema de casa ou estuda para provas?
- Como seu filho lidou com isso?
- Quais os sentimentos que ele (a) tem expressado em relação à dificuldade?
- Como a família lidou com isso?
- Quais os sentimentos que despertaram em você?
- Como você (vê) percebe seu filho?
- Quais os motivos que você associa às dificuldade de aprendizagem do seu filho?
- Quais atitudes você tem tido no momento? (Para auxiliá-lo).
- O que você acha que facilita aprendizagem de seu filho?
- O que você acha que prejudica ou dificulta a aprendizagem de seu filho?
- O que você acha que poderia fazer para auxiliar seu filho neste problema?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 Dados gerais:

Título da pesquisa: A família diante da dificuldade de aprendizagem da criança

Nome da orientadora: Evelise Rigoni de Faria Fone:

Nome da acadêmica-pesquisadora: Gabriela Schuch Gripp Fone:

2 Informações ao participante ou responsável:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa, que tem como objetivo investigar as percepções, sentimentos e atitudes dos pais com filhos com dificuldades de aprendizagem. A sua participação envolverá responder a duas entrevistas, uma sobre dados de identificação, e outra com perguntas sobre como percebe e se sente frente às dificuldades de aprendizagem do teu filho. Estima-se que as entrevistas tenham duração de 30 a 60 minutos, e as mesmas serão gravadas. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa e poderá abandonar o estudo em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Durante o procedimento você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta que lhe cause algum constrangimento. Se houver algum desconforto causado pela entrevista, será oferecido atendimento no CESEP.

A sua participação será voluntária e não lhe trará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza.

Serão garantidos o sigilo e a privacidade de sua identidade e das informações que você fornecer, sendo-lhe reservado o direito de omissão de dados. Dados que lhe identifiquem não serão divulgados. Os resultados do estudo serão publicados em trabalhos acadêmicos ou revistas científicas sem que os participantes sejam identificados. Apenas a aluna pesquisadora e sua orientadora poderão ter acesso às entrevistas realizadas, que serão arquivadas pela autora deste estudo.

Qualquer dúvida pode ser esclarecida com a coordenação do curso de Psicologia, através do telefone 51-3541-6600 ramal 689.

Confirmo ter conhecimento e compreendido o conteúdo desse termo. Estou ciente dos objetivos do estudo, procedimentos referentes à entrevista e a garantia de confidencialidade dos dados. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar dessa pesquisa e por isso dou meu consentimento.

_____, _____ de _____ de 2013.

Acadêmica-pesquisadora

Orientadora

Participante da pesquisa